

# Escravidão, neurose e recalque

Notas a uma obra de Alfredo Naffah

Elisa Maria Ulhoa Cintra

Em torno da noção de recalque, considerada desnecessária pelo psicoterapeuta nietzschiano, esta discussão retoma a teorização metapsicológica e a prática clínica cotidiana.

**E**m seu mais recente livro, Alfredo Naffah Neto elabora uma proposta de psicoterapia, nascida de sua leitura de Nietzsche e de Freud e tecida ao longo de anos de trabalho psicoterápico e docente. Como psicanalista, a leitura deste livro me interessou sobretudo pela oportunidade de interlocução com alguém que, relativamente a meu referencial, ocupa o lugar do estrangeiro. Frequentando as cidades filosóficas e psicoterápicas vizinhas à minha, tornou-se estrangeiro, como na Antiga Grécia, não por ser inteiramente estranho à minha língua e tradição cultural, mas justamente por habitar perto, nesta proximidade que realça as diferenças e que me faz ver, nítido, o que me escapa quando converso com outros psicanalistas.

O autor divide o livro *A Psicoterapia em busca de Dioniso - Nietzsche visita Freud*<sup>1</sup> em aforismos. No de número 12, "Histeria: escravidão sem recalque", propõe uma releitura do caso de Elizabeth von R. e da histeria, sem o recalque; daí partiu meu movimento de reflexão. O meu fio condutor era a idéia de que o conceito de recalque tinha sido retrabalhado muitas vezes por Freud e funcionado como uma chave que abriu novos câmpos de investigação e teorização. Optei por historiar estes remanejamentos do conceito e por resgatar o seu valor heurístico, utilizando, entre outros, um trabalho de

Elisa Maria Ulhoa Cintra é psicanalista, doutoranda em Psicologia Clínica pela PUC-SP, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae e professora do curso de Especialização em Teoria Psicanalítica da PUC-SP.



Claude Le Guen, publicado na *Revue Française de Psychanalyse*<sup>2</sup>. Ele propôs uma investigação deste tema a um grupo de vinte e um analistas, que durante quatro anos reuniram referências, entrecruzando perspectivas e redigindo uma síntese para o Congresso dos Psicanalistas de Língua Francesa de 1986.

Assim, farei primeiramente uma síntese de minha leitura do livro de Naffah, para depois dar lugar às reflexões sobre a noção de recalque e encerrar com a "psicoterapia em busca de Dioniso", que é a quarta parte do seu livro.

## Por uma psicoterapia genealógica

Naffah introduz seu livro contando ao leitor que o seu convívio com as idéias de que falará é especialmente personalizado e íntimo: "*Vive em mim um Nietzsche que anseia por se tornar psicoterapeuta*", ou "*Levei-o (Nietzsche) várias vezes à casa de Freud - um velho amigo/interlocutor de muitos anos - e tenho aprendido muito nos calorosos debates em que sempre nos lançamos. E nesse caminhar juntos, eu me torno filósofo, ele se faz psicoterapeuta*". Estas vozes teóricas deixam de ser meros discursos e vêm encarnar-se na experiência de toda uma vida de trabalho, transformando-se em uma concepção de personalidade e de psicopatologia que guarda a vivacidade e a singularidade do relato de um percurso vivido.

Naffah convida-nos desde o início do livro a partilhar com ele de seu "*projeto genealógico*", que consiste em investigar a origem e a história dos sentimentos morais, principal função que deveria ter a psicologia para Nietzsche. Fazer a genealogia dos valores morais que orientam uma vida, diagnosticando os valores niilistas que constroem, negam e destroem as possibilidades vitais, torna-se assim a principal tarefa psicoterapêutica, em res-

sonância com as aspirações da genealogia nietzschiana.

Esta primeira parte do livro dedica-se a mostrar como o corpo social, político e simbólico está sempre ameaçado de sucumbir ao pior vírus e a seu mais trágico adoecimento - cair sob o fascínio de um valor universal que funciona como ídolo e padrão ideal, amoldando, apequenando e desvalori-

A tarefa da psicoterapia nietzschiana é a "contínua transmutação de valores", permitindo a expansão da vida.

zando a experiência singular. O autor propõe então que o trabalho da psicoterapia seja desmascarar este valor universal, relativizá-lo, mostrando qual é a sua proveniência e a sua emergência, "*rasgando tira por tira a sua fantasia*". Pois a tarefa da psicoterapia nietzschiana será a "*contínua transmutação dos valores*", ou seja, o psicoterapeuta será aquele que continuamente promove o desalojamento e a substituição dos valores anti-vida por valores que permitam a transformação, a multiplicação e a expansão da vida. Se existem valores tóxicos, a psicoterapia deve favorecer o des-envolvimento do paciente com relação a estes valores - tarefa esta que se tornou possível porque o

terapeuta é, para Naffah, "*aquele que, por conhecer na própria pele as cadeias do servilismo, da doença e da transmutação libertadora, pode, melhor do que ninguém, servir como guia nesta viagem pelo devir.*"

## Psicopatologias

Se, na primeira parte do livro, Naffah apresenta o seu projeto de psicoterapia nietzschiana, a segunda parte vai tratar das psicopatologias. Ele resgata um sentido etimológico mais originário do radical 'pathos': "*Mas 'pathos' significa além disso "experiência", "prova", "acontecimento", "estado agitado de alma", "paixão", sentidos que descrevem justamente o que se produz quando dois ou mais corpos se afetam num acontecimento e se modificam através destas afecções que podem atingir o corpo e/ou o espírito.*"

A recuperação deste sentido mais originário, que permite pensar o adoecimento como um acontecimento que atingiu o corpo ou o espírito, dá lugar também à interpretação dele como aquilo que 'faz sinal', afeta o intérprete genealogista e indica-lhe as linhas de força por onde deverá trabalhar.

O autor vai então discorrer longamente sobre a noção de saúde em Nietzsche, que corresponde "*àquela madura liberdade do espírito que é também autodomínio e disciplina e permite os caminhos para muitos e opostos modos de pensar*" (Nietzsche). Só aqueles que realizaram o grande livramento e se separaram de suas raízes e das tradições que os nutriram podem atingir plenamente uma "*descomunal segurança e saúde transbordante*" (Nietzsche). Para Naffah, a condição de saúde corresponde a um excesso de forças plásticas que dão forma à vida e a regeneram, permitindo "*contornar os narcisismos paralisantes de meio-caminho*".



O livramento das tradições e dos valores universais conduz à possibilidade de habitar a multiplicidade: o livramento não é uma proposta de superação da contradição em uma síntese superior, mas implica no reconhecimento do 'perspectivismo' - uma idéia muito cara a Nietzsche. O perspectivismo reconhece que cada direção tomada tem vantagens e desvantagens, cada ângulo de visão tem prós e contras, e cada um é limitado e injusto em si mesmo. O perspectivismo é pois o que permite relativizar todos os valores e impulsiona à superação destes, permitindo afirmar a vida enquanto constante devir. Ligado à condição de saúde e à atitude sábia do perspectivismo, Naffah fala de "um movimento de exaltação à vida com tudo que ela tem de bom e de ruim, de perfeito ou de imperfeito, de prazer ou de dor". Esta atitude de amor ao destino, amor-fati, é o que nos torna "capazes de digerir, metabolizar os acontecimentos, extraindo deles o que têm de melhor: seu brilho, seu fulgor, aprendendo assim a crescer com a experiência".

Mas tudo isso pode "cheirar a idealização", lembra o autor, conduzindo o seu texto para uma análise mais aprofundada da miséria e da doença, que consiste na "condição escrava" de submissão a um código de valores gerador de culpa e de uma moralidade asfíxiante.

O circuito escravo que caracteriza os estados patológicos é aquele dominado pelo sentimento de impotência, e o exemplo que o autor dá é esclarecedor: "Uma menina, adotada por pais brancos ainda recém-nascida e quando se pensava ser ela também branca, revelou-se com o crescimento ser de cor parda e cabelos encarapinhados, sendo então imediatamente desqualificada e tachada de 'feia'. Despotencializada na sua diferença, na sua singularidade, tendo tido um acolhimento afetivo mais forjado do que real, ela era, aos nove anos, um poço de ressentimento e de

ódio. Na gênese desse ressentimento temos, pois dois campos de forças estético-morais em confronto: valores da raça negra e da raça branca, com a vitória dos segundos sobre os primeiros. A partir daí a criança, como expressão da raça desqualificada, é destituída da sua potência pela marca do código vencedor: 'feia'. Separada da sua potência, na medida em que qualquer ação sua é impotente frente à força interpretante: qualquer coisa que ela faça, será sempre 'feia'."

A impotência é transmitida pelos pais brancos, impregnados de preconceitos. São eles os agentes transmissores do vírus "valor uni-

poderia ser considerada um 'fundo depressivo' que se associa às mais diversas patologias psíquicas.

Naffah faz então uma análise da condição escrava e da chave que pode abrir esta cadeia. No exemplo da menina adotada, que dirigia o seu ódio aos pais adotivos, a condição escrava define-se por um aprisionamento a estes pais que são o "outro imaginário no qual ela busca a própria potência castrada, que pensa que o outro detém como um troféu, dirigindo-lhe, então, o seu ódio, culpabilização e inveja. No entanto, ela se encontra presa também a este 'Outro-simbólico' que designa o próprio código com que foi mar-

O livramento não supera a contradição numa síntese superior, mas introduz o "perspectivismo", que relativiza os valores.

versalizante". A impotência é pois produzida, em última análise pelo código de "valores brancos" que marcou a menina como 'feia', sem valor, insuficiente. O dramático desta condição é que a tentativa de reagir à marca escravizante somente conduz a um aprofundamento da condição escrava. O sentimento de impotência e insuficiência acaba se propagando às diversas vivências da menina - o sentimento de estar impossibilitada frente à ação presente associa-se a um profundo ressentimento. Esta invasão do passado no presente e a tentativa de reagir contra as inelutáveis determinações do passado, reproduzindo interpretações despotencializadoras,

cada, como com ferro-em-brasa."

A tarefa do psicoterapeuta-genealogista é a de desconstruir este 'Outro-simbólico', pois "... a chave da cadeia do escravo não está com o outro-imaginário e sim com o Outro-simbólico: ela é a chave da gênese dessa marca que o aprisiona e castra, genealogia da construção desse valor, desse código. O que quer dizer também, genealogia da sua desconstrução possível". A tarefa do psicoterapeuta-genealogista é, em primeiro lugar, desfazer a ilusão de que são os pais da menina a fonte última de seu estado de escravidão. Sem este trabalho de dissolver a ilusão e trabalhar o ódio e a culpabilização que a menina dirige a seus



pais, a saída do circuito-escravo não chega a ser descoberta pela paciente. Assim pois, para o pensamento inspirado em Nietzsche, a impotência que caracteriza a neurose e toda doença mental é produzida como efeito de uma interpretação escravizadora, e a gênese da neurose dá-se em um encontro afetivo que marca um dos interlocutores como impotente. A impotência diante da ação e da condução de sua vida é o efeito de uma impotência mais fundamental: a de decodificar e metabolizar a interpretação escravizante. Isto conduz Naffah a aproximar esta impotência da condição estabelecida pelo trauma, segundo Freud, na qual o paciente se confronta com a sua incapacidade de dominar e elaborar psicologicamente certas excitações. Assim é que ele dá uma ênfase maior à falta de elaboração psíquica na constituição da impotência e da angústia, seguindo aí o mesmo caminho de Freud, que circunscreveu apenas às neuroses atuais a falta de uma adequada descarga do afeto na gênese da angústia; com relação aos outros quadros, a 'falha' é sempre na elaboração psíquica, insuficiente.

## **Histeria: escravidão sem recalque**

Ao falar da histeria, o autor evoca o trabalho de Freud sobre o caso de Elizabeth von R., propondo uma interpretação alternativa, em termos da psicoterapia genealógica. Faz uma análise dos campos de força em conflito e demonstra de que maneira, através de seu sistema de análise, a consciência não desempenha um papel importante na etiologia da histeria, e de que modo a

hipótese do recalque torna-se dispensável. Inicialmente faz um resumo do caso de Elizabeth von R., "cujos sintomas histéricos eram as dores nas pernas que a impediam de caminhar bem, associadas a uma sensação de frio". O conflito considerado por Freud como desencadeador da histeria havia surgido na época em que a paciente, ao mesmo tempo em que cuidava do pai doente estava saindo com um rapaz por quem se apaixonara.

**A** impotência que caracteriza a neurose e a doença mental é efeito de uma interpretação escravizadora.

O conflito entre as emoções e representações suscitadas por ambas as experiências havia produzido o recalque da representação erótica. A carga afetiva ligada a esta última fora usada para reanimar uma dor de origem reumática.

*"Indo mais além na análise, Freud descobre que o lugar da perna direita que doía era onde a paciente apoiava a perna doente do pai para trocar as ataduras... O segundo período da doença é descrito por Freud como ligado a um segundo conflito, o caráter inconciliável entre o amor/desejo que Elizabeth sente pelo cunhado e o amor/respeito que sente pela irmã".*

A interpretação proposta pelo autor é:

*"O contato entre a perna do pai e a perna de Elizabeth pode ser*

*descrito como colocando em ação três campos de força: o primeiro deles é um campo de forças conjuntivas envolvendo amor, carinho, sensualidade (...) O segundo campo de forças aparece como um campo disjuntivo: é o conjunto de regras, normas, prescrições morais já incorporado aos hábitos motores de Elizabeth e que articulam os modos de lidar com o corpo paterno... O terceiro campo, também de forças disjuntivas, é a presença da morte que já se anuncia pelo inchaço da perna, pela atadura que deve ser trocada e que corta o calor e o aconchego com a sensação de frio. Nesse confronto entre os três campos, o segundo e o terceiro, disjuntivos, unem-se para capturar o primeiro, conjuntivo, e separar as suas forças - de sensualidade, aconchego, amor - de suas potências. Ou seja, se a inscrição erógena produzida pelo contato entre as pernas seria, em princípio, um signo de sensualidade, a sua forma final, resultante do confronto das forças é a de sensualidade paralisada, envolta em morte, cuja expressão é de dor e frieza. (...) Com esse processo a consciência não tem nada a ver, nem no nível do sentir, nem no de codificar e decodificar, muito menos, portanto, no nível do recalcar. Freud supõe que a consciência já experimentou esse desejo e o recalcou baseado no pressuposto de que só a consciência é capaz de interpretar, de dar sentido aos acontecimentos (...) Entretanto, as coisas não precisam, necessariamente, ser interpretadas dessa forma. A luta entre os campos de força e a inscrição da marca na perna de Elizabeth ocorre numa dimensão incorporal que não se confunde, necessariamente, com o tempo cronológico e o*



*acontecimento empírico dos contatos corporais."*

A argumentação de Naffah deixa entrever que a maneira predominante pela qual interpreta Freud é a dimensão tópica do conflito psíquico. Não é que não exista em Freud uma tópica, e uma possibilidade de pensar o conflito entre instâncias; no entanto, a dimensão dinâmica e econômica são sempre as mais fundamentais, tendo a tópica a função de dar figurabilidade à noção menos visual de conflito entre forças. Deste ponto de vista, a interpretação psicanalítica e a nietzschiana

**F**reud e Nietzsche interpretam tendo em comum a idéia básica de um campo de forças em oposição.

têm em comum o privilégio conferido aos campos de forças em oposição. A influência direta de Nietzsche sobre Freud pode não ter sido significativa, mas toda a tradição do pensamento romântico e a influência de Schopenhauer, para quem o plano produtivo dos fenômenos é o jogo entre forças, dominaram o pensamento de Freud do começo ao fim. Neste sentido o conflito para Freud é fundamentalmente uma dinâmica, um entrejogo entre forças que se opõem: as ligadas aos desejos eróticos e as forças opostas, que nesta ocasião estão

identificadas com a consciência. Mas aqui 'consciência' não é uma instância onde estão depositadas as leis morais; é um feixe de forças, de coerções ou tendências contrárias à realização dos desejos eróticos e de tendências contrárias entre si, dentro do próprio campo da consciência. Neste momento (primeira tópica), a consciência é a força recalcante, mas não por ser a sede do código moral, como letra morta, pois não existe um *lugar* onde estariam inscritas as normas morais, embora a metáfora da inscrição e do lugar tenham sido usadas por Freud. Essas metáforas só têm sentido se forem consideradas como projeções, no espaço das hipóteses dinâmicas e econômicas, como figurações para o "sonho" teórico de Freud. Em psicanálise, consciência é o nome de uma função, a de traduzir processos primários em secundários, e recalque é o nome de um acontecimento que corresponde ao fracasso desta função. É preciso compreender o recalque como a alternativa que restou, quando a atividade de ligação não pôde se dar. A ligação, como atividade de elaboração psíquica, é um trabalho ativo sobre a energia psíquica, sobre o seu regime de escoamento, um processo de transformação que implica em fazer passar a energia do seu estado livre para a condição de energia ligada; o recalque sinaliza que não se realizou este trabalho. A luta que resulta em recalque é uma luta entre forças vivas, entre campos opostos de forças. O interessante no pensamento de Freud é que, à medida que se aprofunda, vai sempre dando acesso a novos paradoxos. Por exemplo, a consciência como um dos pólos do conflito contém em si mesma um conflito, na medida em que comporta tendências contraditórias, por um lado a atividade de elaboração psíquica, e por outro a tendência oposta, que faz dela a força recalcante. Poderíamos então dizer que, à primeira vista, a diferença entre a interpretação freudiana e aquela proposta por Naffah é

que a primeira propõe dois campos em conflito (e não três), unificando os dois campos de forças disjuntivas que ele separou. Entretanto, o campo da consciência contém em si mesmo um conflito inconciliável que vai obrigar Freud, mais tarde, a redesenhar a sua tópica e redimensionar os "campos", fazendo surgir o superego e compreendendo o recalque como um mecanismo de defesa inconsciente.

### **Consciência como atividade de ligação: desrealizar a noção de 'lugar'**

A noção de consciência como atividade, como feixe de forças e tendências, que pertence ao pensamento de Freud, não parece ser levada em conta na argumentação de Naffah; penso que isto se deve ao momento teórico de Freud que escolheu para comentar. Na época em que redigiu o caso de Elizabeth von R., Freud estava ainda se livrando das hipóteses neuro-fisiológicas e buscando uma elaboração especificamente psicológica; a idéia de uma tópica corresponde a esta necessidade de estabelecer um 'lugar' para a dimensão psicológica que a diferenciase do âmbito biológico. Por outro lado, como diz Le Guen:

*"Qualquer que seja a comodidade conceitual que fica garantida por uma localização do recalcado, ele só o será (localizável) através de uma metáfora; não que não se trate de uma realidade, mas esta realidade psíquica não é nem anatômica nem lugar do espaço físico. (...) O recalque (e devemos tomar, com relação à idéia de uma energia física, a mesma distância que com relação a um lugar anatômico), é transferência de uma quantidade à outra; e temos aí o ponto de vista econômico" (p. 63 op. cit.)*

Ou seja, o recalcado pertence a "uma dimensão incorporal" e a noção metafórica de 'lugar' foi usada como *apoio* para a construção da



noção de 'realidade psíquica'. Entretanto a idéia de espaço tomada em sua literalidade, como espaço físico, precisa ser abandonada para que se possa aceder a esta dimensão incorpórea que Alfredo Naffah defende, e que teria a seu lado a maioria dos psicanalistas, hoje. Enquanto processo inconsciente, o recalque é *efeito* de um conflito que tentou *solucionar*. Esta idéia é importante porque ajuda a *desrealizar* a noção de lugar. A formação de sintomas como efeito do recalque é mais decisiva que a própria descrição tópica do processo e supera a importância da consciência como força recalcante.

Quando Naffah dispensa a participação da consciência no processo de recalque, ele parece estar escrevendo como um crítico contemporâneo de Freud em 1893-95, apontando as falhas desta primeira concepção e renunciando a futura concepção do recalque, já que nesta, de certa maneira, *'a consciência não tem nada a ver'*; a não ser na medida em que sinaliza uma falha no processo de elaboração psíquica, e na medida em que aspectos conscientes entram nestas formações mal tecidas (com aspectos inconscientes e conscientes) que são os sintomas. Naffah critica a importância dada à consciência (como agente do recalque) usando o referencial nietzschiano; neste, a consciência só é ativada *"quando a experiência afetiva e o movimento das forças nos espaços marginais à consciência são paralisados no circuito que lhes é próprio (...)* a consciência é o circuito alternativo que resta". Para Nietzsche, a consciência é a última alternativa em termos de elaboração psíquica, já que a última se dá através do corpo inteiro (o sentir e o pensar estão disseminados pelo corpo todo). A consciência é pois uma alternativa pobre, em termos de tradução de um circuito no outro; isto difere da psicanálise, na qual apenas a consciência tem a função de elaboração psíquica.

Resta ver se é possível criticar a elaboração freudiana do recalque e da consciência tendo como referência a noção nietzschiana de consciência. O interessante para mim, nesta passagem, foi ver como Naffah torna mais nítida a insuficiência da primeira teoria do recalque e a necessidade de pensar os 'circuitos' morais' operando em regime inconsciente, que vai se tornar uma exigência também para a teorização psicanalítica subsequente.

### Recalcado indestrutível?

Alfredo Naffah afirma que, no pensamento de Nietzsche, a tradução feita pela consciência é sempre uma construção, e *"dado que não se trata, de fato, de qualquer sentido latente, encoberto, que se deva descobrir (...)"*. Concordo com Naffah que a palavra 'latente' usada por Freud para falar do recalcado pode dar a impressão de algo inerte, à espera de uma revelação, diferente da idéia de um latente 'latejante', vivo, como presença atual. Ao elaborar a explicação 'nietzschiana' da histeria, ele fala de dois códigos

(códigos), exigindo novas traduções em processos secundários. Isto introduz a questão da temporalidade no psiquismo e da natureza desta persistência de processos primários, 'póstumos' à época da infância propriamente dita. Para Freud a 'natureza' desta persistência sempre foi problemática, já que a própria idéia de 'inscrição' por ele usada se dissolve ao pensarmos o recalque como jogo de investimentos, desinvestimentos e contra-investimentos: porque tudo se transforma em processo, e a própria eficácia do 'passado' só existe a partir do momento atual. Trabalhando com a noção de história, de maneira dialética, torna-se inconcebível pensar o tempo em termos de uma linha cronológica, pois o ponto de partida da história é sempre o momento presente, a partir do qual o passado é reconstruído. Reconstruído ou construído: será que existe uma marca original, um traço de inscrição? Estas questões permanecem em aberto na obra de Freud e depois dela. A idéia de que há uma 'flecha do psiquismo' orientada em termos de passado-presente-futuro nunca foi abandonada, mas esta

Ver o recalque como efeito de um conflito que tentou solucionar nos permite "desrealizar" a noção de lugar.

incomunicáveis, e que exigem uma atividade de tradução de um para o outro. Ora, o latente em psicanálise corresponde à presença de processos primários vivos, latejantes (que poderíamos chamar também de

orientação não é puramente linear, uma vez que em termos históricos o momento presente reconstrói o passado. Ocorrem dois movimentos combinados: aquele que vai na direção antes-depois, e o inverso.



Além disso, a acumulação quantitativa de 'material recalçado' ao longo do desenvolvimento gera mudanças qualitativas, como nos ensina a dialética ao falar da transmutação da quantidade em qualidade. O exemplo da regressão ajuda a pensar a questão da temporalidade histórica, diferente da cronológica, linear. A regressão não é um simples retorno ao mais arcaico, mas, ao reutilizar circuitos antigos, imprime neles alterações que provêm dos novos códigos adquiridos, de maneira que nunca se retorna exatamente ao mesmo. Os próprios sintomas não seriam patológicos se correspondessem a uma simples restituição aos modos da infância. O que de fato acontece, como ilustra o caso de Elizabeth von R., é o surgimento de construções sintomáticas mal tecidas, condensando os circuitos de forças de maneira 'desgrenhada', obrigando as tendências eróticas a se transformarem em dor e frio.

**A fobia e a dissociação da consciência**

Alfredo Naffah dá um outro exemplo clínico, através do qual procura mostrar a inutilidade da noção de recalque:

*"Eu continuo pensando que a hipótese do recalque é desnecessária. Gostaria de dizer por que, contando o caso de uma cliente que apresentava fobia de lugares altos - como prédios ou aviões - ou de qualquer lugar fechado cuja saída se encontrasse distante. A fantasia era sempre a de que num incêndio ou qualquer outra eventualidade, não teria como sair dali. A fantasia envolvia, pois, a vivência de uma impotência de locomoção. Ora, essa paciente tinha um irmão que havia sido paralisado pela poliomelite (só andava de muletas e com grande dificuldade) numa época em que ela, menina sapeca, vivia trepada nas árvores e andando pelos muros. Por alguma razão, surgiu na época a idéia de que ela passara o vírus para*

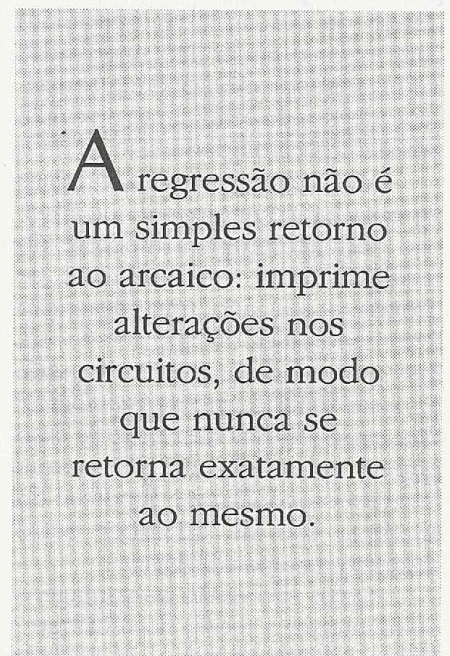
*o irmão - ela "se lembrava" de os pais dizerem isto! - advindo daí intensa sensação de culpa. Havia, pois, aí, um circuito onipotente-culpado que, dominado por crenças religiosas, esperava um castigo, que só poderia vir via espelho: ela também se tornando impotente na locomoção. (...) Essa fantasia de castigo era produzida num circuito-escravo, dominado por valores morais e totalmente dissociado da consciência, mas nem por isso recalçado."*

A dissociação da consciência pode ser usada como uma descrição fenomenológica do recalque, dispensando a parafernália metapsicológica. Ao simplificar tudo, isto parece só apresentar vantagens, como por exemplo quando um paciente em análise é gradualmente levado a desenvolver a compreensão de que certas teorias infantis o mantêm escravo do sofrimento: ele pensa em termos de dissociação e não de recalque. Tomemos o exemplo acima. A paciente, sofrendo de fobia de lugares altos e fechados, através de seu movimento transferencial, re-inicia um processo elaborativo bastante considerável, se lembrarmos qual foi o seu ponto de partida. As intervenções interpretativas de Naffah lhe permitiram tomar uma distância crítica em relação às suas teorias infantis, aliviando o seu sentimento de culpa e favorecendo a liberação da tendência a se castigar. Pode-se dizer que o fragmento apresenta muitas ressonâncias com um trabalho kleiniano, pelo privilégio dado à culpa, dentro de um circuito crime-castigo, evitando assim as manobras explicativas do mecanismo do recalque.

Há, entretanto, um detalhe no relato deste caso que permite uma interpretação mais 'freudiana', embora comece falando da culpa como se originando da inveja:

*"Com o desenvolvimento da psicoterapia, veio a articular mais tarde a esse mapeamento de forças uma inveja (que sentia do irmão) que -*

*como sentimento pecaminoso - poderia estar na gênese da culpa. Inveja porque ela o percebia como o filho querido, o que nos levou à suposição de que a fantasia de castigo era ao mesmo tempo, também, desejo de ser igual ao irmão e receber as mesmas atenções. Desejo que, dado o seu caráter, reforçava a hipótese da existência de um circuito-infantil, dissociado da consciência".*



**A** regressão não é um simples retorno ao arcaico: imprime alterações nos circuitos, de modo que nunca se retorna exatamente ao mesmo.

Este relato clínico desencadeou para mim a lembrança de uma paciente adulta, que em determinado ponto do trabalho analítico (nada casual, pois se achava extremamente ciumenta dos outros pacientes) lembrou ter sentido, aos oito anos, uma intensa inveja de uma colega de escola que havia quebrado a perna e que tinha sido, nesta ocasião, cercada de atenções e mimos pelas outras meninas. Se a existência de uma perna quebrada, que pode durar pouco mais de um mês, e que atraiu a atenção de colegas, pôde deixar marca tão funda, o que dizer de um irmão, com mutilação tão grave, que deve ter exposto a paciente de Naffah a assistir a muitas e muitas cenas de mimos



e cuidados especiais no ambiente familiar? O desejo de ser amada e de obter confirmações visíveis disto me parece ter atormentado ambas as pacientes. É sempre espantoso ver como, no universo infantil, considerações relativas às desvantagens de uma paraplegia ficam quase insignificantes ao lado da força do desejo de ser amado. Aliás, o próprio desejo desta menina de ser amada pelos pais, de maneira exclusiva, expresso eloqüentemente através do desejo de ser também impotente para andar e poder ser 'sustentada', 'carregada' por eles, poderia ser desencadeador do sentimento de culpa, por sua insaciabilidade.

De qualquer maneira, o relato do caso, tal como aparece no livro, não permite refutar a hipótese do recalque, uma vez que este se propõe a ser, não uma descrição fenomenológica do que aconteceu, mas uma hipótese explicativa, que é, neste sentido, *meta-psicológica*. Ou seja, nenhuma *descrição* de caso poderá constituir uma prova que invalide ou confirme a hipótese do recalque (ou de qualquer outro conceito metapsicológico).

Quais são então as vantagens de manter-se a teoria do recalque? Talvez a principal seja a de elucidar o modo de construção da temporalidade histórica - sempre um pouco desconcertante e estranho. Neste sentido, falar em dissociação, atendo-se como Naffah à descrição fenomenológica do processo, seria considerado pelo psicanalista insuficiente, mas não dispensável. Penso que as descrições fenomenológicas bem feitas são sempre muito interessantes e devem ser usadas para interrogar a metapsicologia, obrigando-a a se refazer. Afirmei que a descrição fenomenológica não pode refutar de maneira definitiva uma hipótese metapsicológica; mas, interrogando-a, pode fazê-la trabalhar melhor.

Em alguns casos de *psicoses e perversões*, acho interessante pensar nas defesas como tentativas de anular o conflito psíquico, nos

mecanismos de defesa mais arcaicos, como a dissociação do ego que acompanha a recusa (*Verleugnung*). Há teóricos que preferem utilizar o termo de 'dissociação' da consciência apenas neste sentido mais específico. Freud se ocupava destas questões, mais para o fim de sua vida, quando escreveu "A clivagem do ego no processo defensivo" (1938) e "Esboço da psicanálise" (1940). Poderíamos, nesta mesma linha, pensar outros mecanismos de defesa, sempre em relação a este critério: manutenção ou tentativa de eliminação do conflito psíquico. A negação seria então admissão potencial do conflito, e a sublimação, aceitação do conflito e sua ultrapassagem. A idéia de Naffah de substituir o recalque por dissociação suscita para mim a necessidade de aprofundar a hermenêutica dos vários mecanismos de defesa, comparando-os entre si e estabelecendo critérios que permitam ver, através de todos eles, o que se mantém, o que se perde.

Entretanto, para pensar o vasto

campo do processo de constituição de uma história, com seus incessantes movimentos de ir e vir, suas hesitações, suas lacunas e seus 'eternos' retornos que incessantemente introduzem alguma alteração 'a bordo'.

Por achar que a teoria do recalque retém ainda um certo interesse para pensar as questões da clínica das neuroses, indico algumas direções para um aprofundamento desta discussão. Em primeiro lugar, acho importante pensar os recalques secundários à luz do recalque primário, pois toda a compreensão do processo começa a se modificar a partir da importância dada à atração do já-recalcado como *uma* das forças recalcentes e a partir da introdução da perspectiva histórica e da gênese. Na verdade, Freud não estava tão interessado no recalque primário, em si mesmo, mas na questão da constituição do sujeito psíquico, que marca o início da existência humana e que confere outro significado a estas cinzentas teorias. Em segundo lugar,

**A** hipótese do recalque não é de ordem descritiva, mas metapsicológica, e serve para elucidar a temporalidade psíquica.

campo das *neuroses*, acho difícil dispensar a hipótese do recalque, embora considerando-a, enquanto hipótese metapsicológica, uma linha metafórica em pleno ar, que só pode pretender desenhar algo das invisíveis linhas de força que regulam o funcionamento psíquico. O recalque, como mecanismo de defesa que tenta solucionar o conflito e acaba preservando-o, distorcido, invertido, fragmentado, pode ser usado para desenhar metafori-

acho fundamental compreender o recalque em seus desdobramentos através dos três tempos que o constituem: o primeiro, que resulta na dissociação da consciência, aspecto que foi mencionado na interpretação de Naffah (só senti que faltou enfatizar a força de atração do já-recalcado para que ocorra o processo, que já desloca a consciência do lugar de única força recalcente); o segundo, que consiste no trabalho do recalque, invisível a não ser



através de seus produtos, mas que permite conceber o recalçado com seu dinamismo gerador de ramificações e brotamentos, e o terceiro momento, retorno do recalçado, incluindo um estudo dos produtos do inconsciente, que mostre como a linha do tempo se torna curva,

elas não têm o poder de confirmar hipóteses metapsicológicas. Desistindo de confirmações ou refutações definitivas, é possível deixar que a clínica fale com esses eixos móveis, flexíveis; é possível deixar que a clínica interrogue, desaloje, provoque remanejamentos na teoria.

de maneira descritiva, ela é fundamentalmente explicativo: está na origem das diferentes noções de inconsciente elaboradas por Freud, que parece nunca ter se dado por satisfeito com as suas primeiras formulações do conceito.

Os impasses gerados na primeira tópica pela concepção simultânea de um inconsciente no sentido descritivo - o latente pré-consciente - e um inconsciente dinâmico - o recalçado - ao que se acrescentou a hipótese de um inconsciente não-recalçado (e tampouco pré-consciente), conduziram Freud à necessidade de elaborar a segunda tópica, com a noção de id. Podemos então considerar que as questões suscitadas a partir da teoria do recalque foram decisivas para a passagem da primeira à segunda tópica. Isto demonstra a subordinação da tópica às questões econômicas e dinâmicas, e mostra que o decisivo na hipótese do recalque é o conflito psíquico entre forças opostas que está nele subentendido. Além disto, o eixo de problemas gerados pela teoria do recalque foi motor de outros remanejamentos teóricos importantes. Mesmo depois da síntese de 1915 sobre o inconsciente, Freud formula e reformula a noção de recalque nos textos de 1923 (*O ego e o id*) e de 1926 (*Inibição, sintoma e angústia*). Questionava continuamente o significado da expressão "tornar algo consciente". O que queria dizer isto, afinal de contas? Sem entrar aqui em toda a complexidade de questões que se originam daí, sua resposta acerca da natureza da consciência deixou sempre sublinhado um ponto importante: a consciência não consiste num *lugar*, mas num *processo* cuja razão de ser última é a possibilidade de dominar a angústia, de ligar o afeto. Pode-se dizer também, com toda segurança, que por maior que seja a importância conferida à representação nas descrições do recalque, a finalidade última deste, e portanto o que melhor o define, é o objetivo de dominar o

**A** objeção de Naffah é a uma concepção do recalque quase pré-histórica; Freud a remanejou muitas vezes ao longo de sua obra.

cheia de dobramentos e retornos, em que o manifesto, o resto diurno, o atual, são construtores de passado, da mesma maneira que determinados por ele.

Torna-se indiscernível, às vezes, a questão da determinação psíquica: é o passado que determina o presente, ou o inverso? Os movimentos de vaivém entre estes três momentos, a noção de tempo histórico, cujo ponto de partida é o momento presente, a partir do qual a história poderá ser construída/reconstruída, a concepção de 'produtos do inconsciente' como formações de compromisso que carregam em seu bojo a tensão conflitiva, as transformações de prazer em desprazer, e de amor em ódio operadas pelo recalque, e a ênfase sobre o jogo de investimentos e o destino do quantum de afeto - poderiam então ser amplamente expostos à clínica. O mais interessante será debruçar-se de novo sobre as histórias clínicas, mesmo sabendo que

### **Valor do conceito de recalque na obra de Freud**

Em princípio, concordo com Naffah que o seu modelo de análise pode dispensar o recalque ou qualquer outro conceito da psicanálise - por que não? O problema é a noção de recalque que ele utiliza, pertencente a uma época próxima da pré-história da psicanálise, uma época em que, por exemplo, a conservação do recalçado sem alteração e a imagem de uma 'inscrição' eram metáforas necessárias (para fugir ao organicismo da psiquiatria da época e para instaurar a dimensão de uma realidade psíquica). É época em que o recalque era um mecanismo de defesa voluntário e consciente, em que o 'ego' e 'consciência' eram ainda sinônimos. Desde esta época, e ao longo de toda a obra de Freud, a noção de recalque sofrerá uma série de aprofundamentos e remanejamentos. Embora tenha sido inicialmente usada por Freud



afeto; ele pode ser pensado, fundamentalmente, como deslocamento de energia. O recalque como esforço de dominar o afeto sinaliza que houve falha na elaboração psíquica.

Por outro lado, a consciência e a linguagem estão a serviço desta função de ligação; é esta função o que melhor as define. Foi a partir da teoria do recalque que Freud construiu uma teoria do símbolo e uma teoria da memória que impregnam nossas concepções atuais do funcionamento psíquico. Por outro lado, quando Freud se voltou para a pesquisa da natureza do recalco, desenvolveu nada menos que as suas teorias da sexualidade infantil e do complexo de Édipo, estabelecendo a importância da posição da criança com relação ao desejo dos pais. Isto para não mencionar a turbulenta passagem da teoria da inscrição dos acontecimentos factuais até a teoria da fantasia e a importância da 'outra cena', cujo potencial traumático foi então derivado da força do desejo.

Em um segundo momento, quando a atenção de Freud foi desviada do recalco para o estudo da força recalcante, outras modificações se fizeram necessárias. E deram origem a que? À teoria do narcisismo, ao que a psicanálise se propôs então a dizer sobre a psicose e aos problemas da constituição do ego, que originaram as polêmicas atuais a respeito da constituição do sujeito.

Do ponto de vista da psicanálise, podemos afirmar que a hipótese do recalco "inaugura a descoberta do inconsciente; constitui o pivô da psicanálise inteira" (Claude Lévi-Strauss). No mínimo foi um modelo explicativo de grande valor heurístico, abrindo-se para as questões axiais que Freud se colocou e que se desdobraram nas principais contribuições da psicanálise ao funcionamento psíquico. Não apenas o pensamento de Freud, mas o da psicanálise contemporânea, pelo menos de parte dela, continua se organizando e complexificando a

partir do modelo do recalco, e as questões que gerou e continua a gerar têm sido incansavelmente reabertas e recolocadas ao longo deste século. Um exemplo específico da permanência em aberto de questões ligadas ao recalco é a noção de indestrutibilidade do recalco, que não permaneceu intacta na própria obra de Freud, depois das elaborações de 1920<sup>3</sup>.

### A psicoterapia em busca de Dioniso

Podemos voltar novamente à reflexão desta interessante proposta psicoterapêutica de Naffah. O livro ganha uma nova inflexão rica e perturbadora na quarta parte, ao colocar a psicoterapia em busca de Dioniso e face a face com certos aspectos da arte trágica na Grécia. Os dois elementos constituintes da tragédia - de um lado o elemento musical - dionisíaco - e de outro o elemento apolíneo - a cena e a palavra que constroem a imagem - se associam para evitar a "queda no caos, a confusão de uma loucura sanguinária, assassina, onde se confundem o mesmo e o outro" apontada por Naffah como o perigo de aniquilação que a sabedoria dionisíaca pode assumir. "O deus Dioniso ensina também a arte das misturas, das dosagens, capazes não só de transformar o vinho puro em vinho temperado, como o sangue efervescente das paixões desmedidas nas pulsações bem dosadas de um viver sereno". O mito trágico, como transposição da sabedoria dionisíaca (que pode aniquilar) para meios representativos (artísticos, musicais) através do sonho apolíneo e das imagens, consiste não em uma limitação da força dionisíaca, mas em uma expansão e um transbordamento deste canto coral, da música, do orgiástico dionisíaco. A tragédia ensina que o sonho apolíneo pode expandir a força dionisíaca, resguardando-a

de um destino de destruição cega e de uma indiferenciação regressiva.

O Dioniso que Naffah apresenta não tem nenhuma tendência ascética ou mística. É o deus da "comunhão com a natureza selvagem", com o que é excessivo; é esse Dioniso que pode ensinar a ver o que é preciso ver: o devir incessante do mundo, invisível mas eficaz como o vento, e que ajuda a lançar-se à aventura de fazer a ultrapassagem contínua das formas.

O psicoterapeuta genealogista é pois aquele que desenvolve a capacidade de acolher e dar morada a cada faceta e circuito afetivo do paciente, garantindo assim um espaço de vida e transformação a todas as forças que se acham aprisionadas ou despotencializadas por valores morais, e fazendo aliança com as forças subversivas para conduzir o processo de dissolução do circuito escravo. Estar acima dos valores morais é uma

A consciência não é um lugar, mas um processo cuja razão de ser é dominar a angústia.

posição difícil de ser mantida, mas Naffah acredita que, se o terapeuta genealogista não aspirar sempre a este lugar acima do Bem e do Mal, não conseguirá ajudar o paciente a transvalorar todos os valores. Aliás, esta posição supra-moral é para o



autor o lugar e a ética do psicoterapeuta. Os limites de cada psicoterapeuta ficam estabelecidos justamente por este critério: o quanto longe ele avançou na direção do acolhimento supra-moral. A partir daí, o trabalho do terapeuta será o de des-tecer as velhas interpretações moralizantes através de suas interpretações, produtoras de 'lysis' (dissolução) e liberadoras das forças vivas que se tornaram impotentes. Para isso, diz Naffah, a interpretação terá que ser genealógica,

Numa análise, é preciso abdicar da onipotência infantil e de parte do narcisismo: a estranheza do mundo envolve sofrimento.

capaz de desconstruir a representação aprisionante.

Neste momento do livro, há uma ressonância bastante grande entre o trabalho da psicoterapia genealógica e o da psicanálise: Naffah afirma a importância de desfazer as sínteses e teorias unificadoras que o paciente tem a seu respeito, favorecendo o acolhimento do "desconhecido que o constitui e o transpassa":

"Pode-se dizer que grande parte da psicoterapia consiste nesse processo de superação das resistências para que o indivíduo aceite morrer e ceder lugar ao self, seus eixos móveis

e transitórios, seu fundo peregrino de morte e ressurreição, numa contínua superação de si próprio que aponta para o além-do-homem. Trata-se aí de um processo de morte livre, para usar a expressão de Zarathustra."

Essas palavras de Naffah fazem também ressoar aspectos trabalhados pela arte trágica na Grécia: a busca da morte do indivíduo em favor de seu casamento com a vida - que é possibilitada até pela estrutura da tragédia, na qual a presença do coro favorece o aniquilamento do individual. A tragédia grega mostra o deslocamento do drama para o pathos, das ações heróicas para o sofrimento. Em termos psicanalíticos, poderíamos usar a metáfora da morte para falar da abdicação da onipotência infantil e de parte do narcisismo que é preciso superar em uma análise. De qualquer maneira, dar espaço para a estranheza e alteridade do mundo é de si envolve sempre sofrimento. Que seja pelo menos um sofrimento fecundo, como dizia Simone Weil: "que la souffrance fasse rentrer l'univers dans mon corps."

A tragédia grega é sempre a história de um ocaso, de uma descida às sombras. Começa com um herói luminoso, todo poderoso, e termina com o ocaso desta potência fálica para dar lugar a uma outra forma de sabedoria, como a conquistada por Édipo, ao longo de sua saga, até o homem que surge em *Édipo em Colonna*, menos deus e mais humanizado. Em uma interpretação exclusivamente nietzschiana pode-se dizer que, em todos os heróis e em todas as tragédias, é sempre Dioniso que sofre, perdendo poder, ganhando sabedoria.

Alfredo Naffah, através de seu Nietzsche e de seu Freud, nos faz uma proposta instigante: abrir antigas questões clínicas e teóricas e lançar-nos a um trabalho de revisão dos conceitos fundamentais da psi-

canálise, que podem ter perdido o seu 'gume' através de um uso irrefletido. Ao recuperar as questões e as exigências que moveram o pensamento de Freud, descobre-se um caminho através do qual pode-se fazer Freud visitar Nietzsche. ■

#### NOTAS

1. Ed. Escuta/Educ, 1994.
2. *Revue Française de Psychanalyse. Le refoulement (les défenses)* janvier-février, tome I, 1986.
3. Freud, S. Inibição, sintoma e angústia, *Obras Completas*, ed. Amorrotu, vol. XX, p. 134, nota 13.